O RURAL E O URBANO: CLASSIFICAÇÕES PRECISAS PARA REALIDADES IMPRECISAS. O CASO DE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS [1]

RURAL AND URBAN: PRECISE CLASSIFICATIONS FOR INACCURATE REALITIES. THE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS CASE

Carolina Cadima Fernandes Nazareth[2]

Resumo: Pensar o rural e/ou urbano sempre foi uma tarefa árdua nas Ciências Sociais e, por muito tempo, abrange diversos trabalhos antropológicos. Seja na busca por uma essencialização do rural ou da prova por sua inexistência. O trabalho que se segue é fruto de uma experiência etnográfica no distrito de Cruzeiro dos Peixotos – MG, que demonstrou o quanto categorias tão aparentemente fechadas, como o rural e o urbano, são negociações cotidianas entre moradores e visitantes da vila de Cruzeiro dos Peixotos.
Palavras-chave: Cruzeiro dos Peixotos; Rural; Uberlândia; Urbano.

Abstract: Thinking the rural and/or urban was always a hard task in the Social Sciences and, for long time, include several anthropology works. Either in search for an rural essentialization or of proof for its non-existence. This work is product of a ethnographic experience on Cruzeiro dos Peixotos district – MG, than evidence how many categories so closed, as the rural and the urban, are everyday negotiations between residents and visitors to the village of Cruzeiro dos Peixotos.
Keywords: Cruzeiro dos Peixotos; Rural; Uberlândia; Urban.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue é fruto da pesquisa de mestrado[3], que foi realizada no distrito de Cruzeiros dos Peixotos, localizado no entorno do município de Uberlândia[4]- MG, distrito-sede que administra outros quatro distritos. A ideia principal do artigo é trazer a relação de alteridade entre Cruzeiros dos Peixotos e a cidade de Uberlândia, já que o distrito faz parte desta cidade, principalmente, porque ele carrega uma marca de ruralidade, como se representasse uma resistência de um rural muito ligado à cultura caipira e que fosse, em momentos de festa e

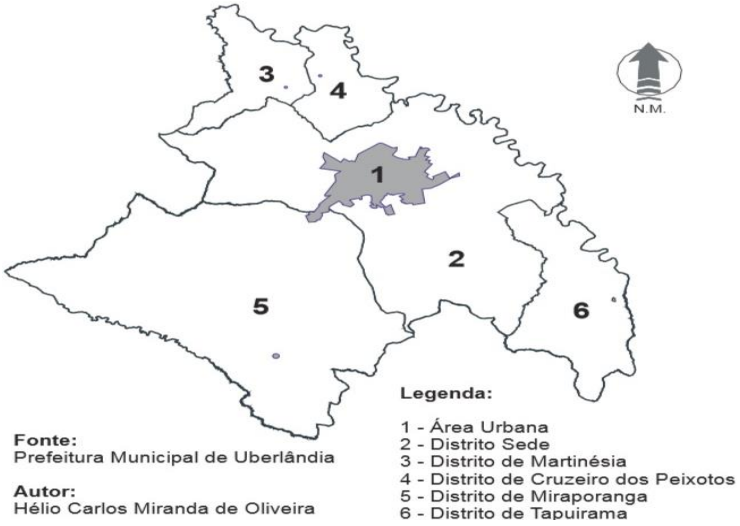
[1]Este artigo é uma versão do capítulo 1 da dissertação da autora, defendida em outubro de 2015.
[2] Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
[3] Pesquisa defendida em outubro de 2015, pela Universidade Federal de Goiás – UFG.
[4] O município de Uberlândia possui cerca de 7259 habitantes na zona rural, distribuídos em 3512 domicílios e na zona urbana a cidade possui cerca de 584.102, distribuídos em 209.863 domicílios. Além disso, possui quatro distritos, sendo eles: Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Tapuirama e Miraporanga, que juntos somam 9488 habitantes da zona rural e 3164 habitantes da zona urbana.

descanso, um refúgio da urbanização, já que Uberlândia é uma cidade de médio porte e o segundo maior centro urbano do estado de Minas Gerais, atrás apenas da capital Belo Horizonte.

A ideia da representatividade rural que o distrito carrega, está, tanto no ideal dos moradores de Uberlândia (distrito-sede), quanto no fato de Cruzeiro dos Peixotos estar localizado, na zona rural da cidade[5]. Apesar disso, o distrito conta com uma pequena vila de moradores, que possui uma infraestrutura urbanizada: ruas asfaltadas, rede elétrica, acesso à internet, circulação de transporte público.

Durante o trabalho de campo pude perceber que a ideia construída sobre o distrito não era tão simples como parecia, que a ruralidade ali colocada era, muitas vezes, atribuída pelo outro (cidade) ou uma performance temporária em determinados momentos, como na Folia de Reis. Com o intuito inicial de pensar a Antropologia Rural e categorias já conhecidas como "bairros rurais" e "ruralidade", me vi numa tensão desta antropologia com a Antropologia Urbana, ou me utilizando do conceito de Frúgoli e Spaggiari (2006), uma Antropologia da Cidade, que toma o contexto urbano não como local específico de modernidade (opondo-se à tradição, baseando a polaridade urbano-rural), mas como campo marcado por sínteses particulares entre o tradicional e o moderno, onde predominariam representações que tendem ao segundo polo dessa relação.

Mapa 1 – Município de Uberlândia e seus distritos



Fonte: Oliveira, Silva e Paula (2006, p. 79).

A partir do campo foi possível – e preciso – modificar o foco da análise e pensar como classificações constroem noções estereotipadas. A pesquisa então passou por uma mudança de direção e começou a se orientar para essas disputas conceituais que eram verificadas na vivência, no cotidiano e nas festas. Então me perguntei: classificar é preciso? E utilizando dessa brincadeira com o famoso

[5]Vide mapa 1.

poema[6] de Fernando Pessoa (2004) que me levou à seguinte reflexão: será que classificações tão deterministas como rural e urbano eram realmente pertinentes ao contexto de Cruzeiro dos Peixotos? Parto daqui a minha análise sobre esse campo, mas antes, segue uma pequena descrição sobre o distrito de Cruzeiro dos Peixotos.

Cruzeiro dos Peixotos é o segundo menor – em número de habitantes – dos quatro distritos sediados pela cidade de Uberlândia, que segundo o senso do IBGE de 2010 conta com uma população de "976 habitantes, divididos em 494 moradores da zona rural – divididos em 356 domicílios – e 482 na zona urbana – divididos em 203 domicílios, divididos entre a zona rural (fazendas) e a vila urbana" (NAZARETH, 2015, p. 49). Está localizado a 18 km do centro da cidade de Uberlândia e seu acesso principal é via anel viário e Rodovia Neuza Rezende, que também dá acesso ao distrito de Martinésia[7], localizado a 5km da vila de Cruzeiro dos Peixotos.

Ao chegarmos no distrito, nos deparamos, primeiramente, com construções mais recentes, que fazem parte do que os moradores chamam de "Cruzeiro Novo", fruto de loteamentos entre os anos 1989 e 1992. E ao caminhar um pouco mais adentro, encontramos o "Cruzeiro Velho" – localizado no entorno da Igreja de Santo Antônio – com casas quase centenárias, fundadas a partir do primeiro loteamento, no início do século XX.

Um dos principais pontos da vila de Cruzeiro dos Peixotos é a Praça Tancredo Neves, rodeada de bares e pequenos comércios que funcionam, em sua maioria, aos finais de semana. Na praça também se encontram pontos importantes da comunidade, como a Cozinha Comunitária para o preparo dos alimentos das festas locais - Folia de Reis[8] e Festas Juninas -, a quadra poliesportiva que funciona como um salão de festas em período de comemorações e a Associação de Moradores que conta com um grande galpão, onde ocorrem reuniões e eventos. Desta maneira, mais do que a Igreja[9], a Praça é o local que agrega a comunidade.

Após visualizarmos brevemente o distrito, partiremos para o foco do trabalho: a discussão da ideia de rural, que é vista e vivenciada de maneira diferente entre os moradores – "de dentro – e os visitantes – "de fora".

RURAL PARA QUEM?

A minha relação enquanto antropóloga com o distrito é longa, pois ele fez parte das pesquisas da graduação e da dissertação do mestrado. Nesse sentido, o campo foi

[6] PESSOA, Fernando. "Viver é preciso". In: _____. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
[7] Martinésia, antiga Martinópolis é o distrito com menor quantidade de moradores, cerca de 836 habitantes, divididos entre zona rural e urbana.
[8] A Folia de Reis em Cruzeiro dos Peixotos ocorre em duas datas. A tradicional, entre o Natal e o dia de Santos Reis – 06 de janeiro -, data em que ocorre a festa. E a por voto, que ocorre no meio do ano, entre maio e julho, dependendo da organização local.
[9] A Igreja de Santo Antônio, embora seja essencial na história de Cruzeiro dos Peixotos, pois foi ao seu redor que o distrito "nasceu", não é o ponto de concentração da comunidade, que "prefere" a praça, principalmente por sua estrutura.

realizado, se contarmos todo o tempo de contato, entre os anos de 2010 e 2015. A primeira proposta de pesquisa era relacionada à ideia de uma resistência do rural dentro do urbano, incorporada na figura do distrito como um remanescente da ruralidade.

No mestrado, a pesquisa, agora mais madura, mudou de direção no sentido de pensar a ruralidade como uma construção, tanto para os "de dentro" quanto para "os de fora" do distrito. Embora essas classificações – rural/urbano – existam, elas não são rígidas, e principalmente para a população "de dentro", o rural só é afirmado em momentos como a Folia de Reis e as Festas Juninas, em todos os outros a vila é urbana, tanto no trabalho quanto no cotidiano.

Para os "de fora", essa ruralidade é mais extensa, porque o distrito é visto como o oposto de sua sede. E aos fins-de-semana, os "de fora" são contemplados com serviços como o do antigo restaurante "Ora Pro Nobis", que oferecia uma experiência rural para o cliente dentro de uma perspectiva do descanso e contato com a natureza. Lá o cliente pagava um valor específico e podia usufruir de um dia no campo, com comida e bebida a vontade, moda de viola e passeios a cavalo.

Antes de nos adentrarmos mais nas perspectivas dos moradores e visitantes, precisamos compreender como essas classificações – rural e urbano – são definidas, tanto nos trabalhos antropológicos e sociológicos, quanto no contexto da legislação brasileira.

A separação rural e urbano presente em vários estudos antropológicos e sociológicos[10] nos parece um isolamento comparável ao dualismo entre natureza e cultura ou, ainda, entre selvagem e moderno desenvolvido pela antropologia ocidental, muito forte no século XX. Tal forma de análise nos leva a crer que essa divisão entre um e outro é intransponível, mas tanto a realidade quanto as novas teorias antropológicas repensam esse dualismo.

Descola (2001) já demonstrava essa separação – natureza-cultura – como específica do Ocidente, o que demonstra o olhar para o outro pelas lentes ocidentais. Essa abordagem também foi discutida por Viveiros de Castro (2002) no Perspectivismo Ameríndio, onde autor demonstra a necessidade de observar o outro através das experiências do outro, sem desacreditar em suas categorias. É importante, então, levar em conta a abordagem de localidades como "comunidades no entremeio"[11] através da própria perspectiva da comunidade, sem criar conceitos fechados que só dizem respeito ao rol de pré noções do pesquisador ou pesquisadora.

A separação "natureza x cultura" é muito específica do Ocidente e das formas duais de classificação do mundo. Sendo assim, em tese, temos uma estrutura de pensamento que só consegue classificar algo em contraponto com seu par

[10]Alguns estudos que lidaram com a temática rural: Candido (1975); Frúgoli Jr.(2008);Giuliani (1990);Queiroz (1973); Jackson(2002); Alem (1996); Carneiro (1998); Ribeiro (1995); Woortmann&Woortmann (1996); Lobato (1968); Ianni (2000).

[11]Chamo aqui de comunidade no ou de entremeio, as comunidades que não se sentem contempladas por definições específicas, como Cruzeiro dos Peixotos. (NAZARETH, 2015, p. 32).

de oposto, como por exemplo rural x urbano. Mas essa forma de dar sentido aos dois conceitos parece não contemplar totalmente o distrito, tanto pelo fato de estar no "entremeio", quanto pelas perspectivas que o constroem: "de fora" e os "de dentro".

Conceitos como tradicional, rural, urbano; apesar de muito utilizados, ressignificados e reutilizados não traduzem todas as formas de comunidades, o distrito estudado não consegue se enquadrar em nenhum dos conceitos de maneira completa e fica no entremeio, numa possibilidade de mobilização de fronteiras, ora se aproxima do distrito sede (Uberlândia), então se urbaniza, ora se afasta e exacerba sua possível ruralidade. Eu me pergunto, qual a necessidade de classificação?

A visão "do outro" ou dos "de fora" é construída através de um imaginário que atribui às comunidades que não estão localizadas, especificamente, dentro de um centro urbano a uma relação com o rural. A criação do imaginário deste local não é aleatória, pois há uma extensa bibliografia que se debruça sobre o tema, desde a literatura clássica até obras consagradas da sociologia como "Os Parceiros do Rio Bonito", de Antônio Candido (1975), que já demonstrava que o modo de vida "sertanejo" estava caminhando para o seu fim, já na década de 1950.

A partir do momento em que esse rural abre espaço para as questões urbanas ele não deixa de existir simplesmente, mas se modifica, transformando-se em algo menos purista. Essa modificação não significa seu fim último, mas sim, uma adaptação. É exatamente nesse limiar entre existir e não existir que as representações presentes no cotidiano de Cruzeiro dos Peixotos se fazem tão importantes. A tecnificação do campo, as novas tecnologias de comunicação, o acesso a diversas novas possibilidades e confortos não garantem a impossibilidade de uma coexistência do rural. Esse rural pode não ser vivenciado diariamente, mas é revivido pelos "de dentro" em momentos estratégicos do distrito, como na Folia de Reis, que trataremos a seguir.

No tópico seguinte discutirei como o rural e o urbano se organizam no cotidiano do distrito a partir do que foi observado na prática de campo, tanto para os "de fora", nos fins-de-semana principalmente; quanto para os de dentro, no dia-a-dia urbanizado e na aproximação com o rural nas festas locais. Além disso, pensarei em como a agência dos moradores transformam o local de acordo com suas práticas cotidianas.

FRONTEIRAS MÓVEIS: DISPUTAS E NEGOCIAÇÕES ENTRE OS "DE FORA" E OS "DE DENTRO"

Pensar em divisões dualistas como rural e urbano nos parece, em termos práticos, formas bem objetivas de lidar com a realidade. Infelizmente, tais divisões se encontram em dois extremos que acabam por descartar a existência de inúmeras possibilidades culturais e sociais, ou o que prefiro chamar de "entremeio" social.

A noção de "entremeio" se deu, principalmente, quando em campo foi possível perceber que não havia

consenso entre os moradores do distrito, eles não se definiam, nem como rurais, nem como urbanos, já que essa classificação não era fiel à realidade e nem necessária em seu cotidiano. Apesar disso, quem visita o distrito busca uma relação com a experiência do bucólico, uma tentativa de retomar um passado rural.

Em campo, os "de fora" eram facilmente percebidos, principalmente aos finais-de-semana. Isso acontecia devido, principalmente, ao esvaziamento do distrito durante a semana e sua movimentação no fim-de-semana, que não era cotidiana. Além disso, como dito acima, boa parte dos bares no entorno da Praça só era preenchido durante esse período.

Alguns visitantes possuem casas que são ocupadas apenas nos fins-de-semana e nas férias[12], e essas casas são facilmente reconhecidas, pois são construções com cercas elétricas, muros altos e, o que mais me chamou a atenção por ser uma característica apontada pelos moradores: possuem interfone, que desabilita as palmas como forma de chamar o vizinho e transmite uma certa impessoalidade ao visitante ou morador de "fim-de-semana".

Durante a semana, tais casas não são ocupadas e, portanto, ficam vazias e silenciosas, durante o fim-de-semana o cenário muda, e principalmente, o som do distrito é ocupado pela constante repetição de modas de viola que, durante a semana, não há. Em uma conversa informal com uma moradora local, ela disse a seguinte frase: "Essas pessoas da cidade acham que é porque estão no Cruzeiro que todo mundo gosta de moda de viola", em uma afirmação que, de certo modo, deslegitima o comportamento do "de fora" como diferente do "de dentro".

Em outra situação dos "de fora" em Cruzeiro, temos o restaurante "Ora Pro Nobis", que, como mencionado acima, oferece ao freguês uma experiência idealizada de um dia no campo, rodeado de "comida caipira", servida no fogão de lenha, com moda de viola e passeios a cavalo como parte da experiência. Esse restaurante, mais do que fornecer uma experiência, constrói um imaginário do que é viver em Cruzeiro dos Peixotos, ligando-o fortemente à vivência de um rural que é muito romantizada nas músicas caipiras da década de 1960.

Durante o trabalho de campo, também pude participar de uma das edições do FENACRUPE (Festival Nacional de Viola de Cruzeiro dos Peixotos), evento sediado pelo distrito, mas realizado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Durante o festival o distrito era completamente modificado, pois, a pequena vila de pouco

[12] Mesmo que essa parcela da população possua seus próprios imóveis no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, não as incluo como moradores, mas como visitantes. Os donos de "casas-de-fim-de-semana" são moradores do distrito-sede e que encaram Cruzeiro dos Peixotos como um local de lazer. As formas de apropriação e uso do espaço são diferenciadas e os próprios moradores do distrito não legitimam tais atores como seus pares, ou seja, moradores também. É importante ressaltar que apesar da busca de não essencializar categorias, a classificação de ser ou "de fora" ou "de dentro" não é uma classificação da autora e sim dos próprios moradores, que não legitimam a presença desses moradores de "fim-de-semana" como "de dentro". Apesar disso, alguns moradores foram legitimados, como no caso da proprietária do antigo "Ora Pro Nobis", que se estabeleceu no distrito e foi aceita como moradora, principalmente por sua participação nas demandas e necessidades do distrito junto à prefeitura e órgãos responsáveis.

mais de 450 habitantes chegava a receber 3000 pessoas para o evento. O evento foi responsável por reafirmar ainda mais a posição de rural do distrito, que passou a receber pessoas de outras cidades e regiões. Agora, o *status* de rural do distrito era oficial.

O problema agora, não é mais pensar se Cruzeiro dos Peixotos é rural ou urbano, mas que rural é esse que o delimita? Essa pergunta foi respondida por um dos entrevistados:

> "Eu acho que resolver esse discurso cabe ao morador e não a quem tá de fora, à elite, vamos dizer, midiática. Eu acho que quem se define é a pessoa, eu acho que eu moro na zona rural, eu abro a minha janela e dou de frente pro pasto. Eu tenho galinhas e mais galinhas no meu quintal, eu crio porco, eu vou pra roça direto, então, eu moro na zona rural. " (Entrevistado 5, entrevista realizada dia 05 de maio de 2014).

Nas idas ao distrito foi possível perceber as influências de um e outro "universo". Sendo assim, o que vemos em relação à infraestrutura, é um retrato muito parecido com as cidades de pequeno porte do interior do Brasil, onde as casas possuem grandes quintais e espaço suficiente para criação de porcos, galinhas, e em alguns casos, um pequeno curral. A proximidade com as fazendas, que rondam o distrito por todos os lados não pode ser o único parâmetro de "ruralidade" do local, já que apenas a localização do distrito não é o suficiente para determinar suas características e o estilo de vida das pessoas que ali habitam.

Dessa maneira, a localização do distrito, rodeado por uma zona rural de fato, não obriga que ele seja classificado dessa forma, até porque, ao conversarmos com os moradores, a classificação rural e urbano não passa de uma ideia flutuante que se estabelece em momentos específicos, segundo as necessidades e interesses do distrito e dos moradores.

Apesar do morador citado acima se afirmar enquanto rural e, inclusive, construir uma noção de rural, os moradores mais jovens que passam por um movimento pendular entre distrito e sede nem sempre se pensam enquanto rurais, essa questão é bem explícita em campo quando nos deparamos com a separação entre os "dois" Cruzeiros: "Cruzeiro Velho" e "Cruzeiro Novo".

O primeiro, fruto dos primeiros loteamentos que deram origem ao distrito é caracterizado por casas muito antigas, construídas em terrenos de 1000 m², possuem grandes quintais com pomares, hortas, galinheiros e chiqueiros. Algumas delas possuem um pequeno curral com uma ou duas vacas leiteiras. Já o segundo é caracterizado pelos 2º e 3º loteamentos e as casas são bem mais jovens, isso é perceptível, principalmente, em sua arquitetura com muros e gradeadas, se parecem muito mais com as casas de Uberlândia.

Além disso, a faixa etária dos moradores é também muito diferente, enquanto os moradores do "Cruzeiro Velho" são, em sua maioria, idosos; os moradores do "Cruzeiro Novo" são bem mais jovens, de gerações posteriores aos moradores da parte antiga do distrito. Dessa maneira, dentro

do próprio distrito a separação entre rural e urbano já se estabelece, como se o "Cruzeiro Novo" fosse mais urbano – ou menos rural - que sua versão mais antiga.

A população mais nova, fruto dessa nova geração do distrito, é também a geração que estuda e trabalha na cidade de Uberlândia e que participa de um movimento pendular cidade-distrito cotidianamente, e que, de certa forma, diminuem a distância simbólica entre o distrito e a sua sede.

Desta maneira, no decorrer do trabalho de campo, nas incessantes visitas, notei que a imagem do distrito foi se transfigurando, da visão idealizada de um recanto rural, que, até então, parecia parada no tempo; para uma visão de que esse mesmo tempo corre de maneira (quase) similar com o de Uberlândia, as casas possuem internet, TV à cabo e todos os confortos comuns aos citadinos, além dos moradores estarem envolvidos, em sua maioria, em uma rotina tão urbana quanto em Uberlândia, de trabalho assalariado, lazer, bens e serviços.

Os conceitos de "Cruzeiro Novo" e "Cruzeiro Velho" são locais e surgiram no decorrer da pesquisa, como uma possibilidade que apenas a experiência etnográfica proporciona ao antropólogo e acabou por tomar uma dimensão maior do que aparentava no princípio. Esses conceitos nativos presentes nas conversas e nas entrevistas com os moradores ficaram mais perceptíveis com as observações e caminhadas pelo campo, nos mostraram a presença de fronteiras para além das que eram estabelecidas visivelmente.

Para pensar essa separação, Peters (1992) demonstra a importância de deixarmos de lado as ideias simplistas de comunidade como instituições rigorosamente pensadas, mas levarmos em conta a "bifocalidade" que caracterizada na ideia de viver localmente em um mundo globalmente interligado, bem como o a importância do lugar na proximidade com a experiência. (PETERS, 1992). Através disso, perceber a dinâmica de Cruzeiro dos Peixotos través dessa "bifocalidade", já que o distrito está inserido em uma posição de dualidade diária (local/global), e se submete a se caracterizar de um jeito ou de outro segundo às vivências necessárias.

Pensando na "bifocalidade", as fronteiras simbólicas internas (Cruzeiro Novo/Cruzeiro Velho) e externas (rural/urbano) do e no distrito parecem tornar-se muito mais flexíveis do que a princípio poderíamos pensar, e ao mesmo tempo, criar outras fronteiras inesperadas, como no caso já citado acima, dos dois "Cruzeiros". Talvez, mais que as fronteiras entre Uberlândia e Cruzeiro, as fronteiras internas sejam mais fortes, justamente por serem vividas cotidianamente, e por compartilhar o mesmo espaço.

Tal exemplo traduz as vivências cotidianas entre universos que são próximos e distantes, ao mesmo tempo que dividem o mesmo território instituído, fazendo com que fronteiras quase imperceptíveis, distingam modos de vida, faixa etária, grau de escolaridade, relação com a terra, religiosidade e crenças.

O que mais parece distinguir Cruzeiro dos Peixotos de Uberlândia é a sua identidade móvel e, consequentemente,

suas fronteiras móveis[13] que se adaptam a cada evento, e a cada momento em que o rural aparece mais forte e mais necessário. Esses momentos estão presentes, quando "de fora" para "dentro" se dá aos fins de semana no restaurante já mencionado ou, até mesmo, nos Festivais de Viola sediados pelo distrito, mas que é trazido e pensado por pessoas que a ele não pertencem.

Mas, essa identidade não é produzida, apenas, pelos "de fora", ela é constantemente e principalmente construída e reconstruída pelos "de dentro", que ora afastam a ruralidade e ora a aproximam, como no caso da Folia de Reis, principal evento do distrito, realizados pelos seus moradores em duas edições anuais.

A Folia de Reis no distrito de Cruzeiro dos Peixotos é de extrema importância, pois une a comunidade e modifica o cotidiano dos moradores durante os nove dias de giro dos festeiros. Sua tradição leva milhares de pessoas à vila de Cruzeiro dos Peixotos, tanto por conta da devoção aos Santos Reis quanto pela. A fé devotada aos Santos Reis é tão grande que a Folia ocorre em duas edições anuais, uma delas contrariando a data específica de comemoração tradicional – 06 de janeiro. Essas edições ocorrem na data tradicional e em meados do ano, entre junho e julho[14].

Normalmente, a folia ocorre durante 9 dias, onde se faz o giro ou a peregrinação dos festeiros[15] e culmina na festa, ponto mais importante da Folia, que termina com o serviço do jantar.

A grande diferença entre a Folia de Reis e o Festival da Viola é quem a prepara. Uma festa realizada pelos próprios moradores cria uma noção de grupo, de comunidade que o Festival da Viola não atinge, principalmente, por não ser um evento "de dentro". Além disso, a Folia de Reis está intimamente ligada à um catolicismo popular, muito vinculado ao rural, ao familiar.

Assim como falado por Brandão (1989), a festa é um "reconhecimento do nós local", de um "nós" como pessoa que pertence ao distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Ao realizar um feito tão grande como a festa, principalmente nas dimensões da Folia de Reis, o festeiro e participantes trazem à tona o que é ser Cruzeirense dos Peixotos e isso fica explícito na demarcação simbólica do distrito como local onde se consagra a festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho etnográfico é possível perceber nuances e detalhes que à primeira vista não se enxerga. Como

[13]A ideia de mobilidade de fronteira se deu, principalmente, a partir da ideia de fronteiras simbólicas que se moviam de acordo com o agente em questão. Nesse sentido, quando o morador de Cruzeiro dos Peixotos desejava por exemplo, reivindicar alguma melhoria em serviços como a internet, as fronteiras entre o distrito e a cidade se aproximavam e, praticamente, eram extintas, mas quando o morador desejava se colocar enquanto um morador da zona rural, essas fronteiras se afastavam, tornando distantes as duas localidades.
[14] A festa que ocorre no período formal é chamada de Folia por tradição e a festa temporona é chamada de Folia por voto.
[15]Giro ou peregrinação é iniciada com as primeiras orações aos Santos Reis e segue com a visita dos festeiros por diversas casas, onde angariam fundos para a realização do jantar no dia da troca de coroas entre os festeiros.

tratado no texto, as pequenas disputas e posições tomadas, ora por moradores, ora por visitantes fazem de Cruzeiro dos Peixotos um campo de pesquisa muito fértil e que traz a possibilidade de discutir o rural e o urbano dentro de uma perspectiva contemporânea, saindo do contexto constantemente clássico no qual essas visões se encontram.

Pensar em novas possibilidades de análise só se torna palpável através do exercício da etnografia que demonstra que nenhum tema está acabado quando o assunto é grupos sociais, sendo assim, abrir espaço para novas perspectivas e novas formações é uma constante dentro da Antropologia, principalmente pelo usa da etnografia.

Desta maneira, o presente artigo teve como foco demonstrar como categorias que pareciam irreparáveis podem ser repensadas, ressignificadas e resgatadas para que possamos entender novas configurações sociais e, no caso da Antropologia, a etnografia é um meio muito eficaz para compreender esses meandros nos quais correm a vida cotidiana, seja em uma grande metrópole, como em são Paulo, seja em uma vila com pouco mais de 450 habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa na Rua*. São Paulo: Papirus, 1989. (Versão manuscrita). Disponível em: <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/a_cultura_na_rua.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito.* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CARNEIRO. Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção.* Estudos Sociedade e Agricultura, n. 11, out. 1998. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm> Acesso em: 08 de abr. 2018.

DESCOLA, Phillipe; PALSSÓN, Gílsi. Introdução. In: _____ (Org.). *Naturaleza e Sociedad: perspectivas antropológicas*. London: Routledge, 1996.

FRÚGOLI Jr, Heitor e SPAGGIARI, Enrico. *A* "Política de Santo" no bairro rural do Baú do Centro**.** In. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2009.

FRÚGOLI Jr, Heitor. *Nexos simbólicos entre capital e interior paulista: reinterpretações recentes da cultura caipira.* In SETUBAL, M. A.; MARINS, P. C. G. (Org.). Terra Paulista: trajetórias contemporâneas, São Paulo, CENPEC/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, pp. 169-186.

IANNI, Octavio. *Tendências do pensamento brasileiro*. Tempo Social**;** Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 55-74, novembro de 2000.

JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição Esquecida*: *os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido.* Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Fapesp, 2002.

LOBATO, Monteiro. *Urupês.* São Paulo: Brasiliense, 1968.

NAZARETH, Carolina Cadima Fernandes. *Classificar é preciso? Uma análise sobre as representações do rural e urbano no distrito de Cruzeiro dos Peixotos em Uberlândia – MG.* 2015. Dissertação

(Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo e; PAULA, Dilma Andrade de. *Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG).* In: SOARES, Beatriz Ribeiro; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; MARRA, Thiago Batista (Org.). Ensaios Geográficos. Uberlândia: PET Geografia, 2006. p. 73-92.

PESSOA, Fernando. *"Viver é preciso".* In: _____. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PETERS, John. *Near-Sight and Far-Sight: Media, Place, and Culture.* In: FERGUSON, James and GUPTA, Akhil (Org.). Culture, Power, Place: Explorations in Critical Anthropology. Durham and London: Duke University Press. 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulistas.* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

REIS, Douglas Sathler dos. *O Rural e o Urbano no Brasil***.** XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú, setembro de 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Jose Graziano. *O novo rural Brasileiro.* Belo Horizonte: Revista Nova Economia, 1997.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. *Banco de Dados Integrados 2011* – Ano base 2010. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1428.pdf >. Acesso em: 05 abr. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena.* In: _____. A Inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. *"O nativo relativo".* Mana, Vol.8, n.1, pp.113-148, 2002.